

## **CONHECER E SABER: UMA CARACTERIZAÇÃO ENUNCIATIVA**

---

*Helena Topa Valentim*

*Conhecer e saber* remetem, pelo seu semantismo, para actividades .que exprimem funções cognitivas. São aliás classificados como verbos de actividade mental (Mateus *et alii*, 1998: 270-272). Não seria, porém, necessário recorrer ao seu semantismo específico para, enquanto formas linguísticas, se constituírem, desde logo, como representações linguísticas, marcadoras, portanto, de determinadas operações de natureza cognitiva, operações essas de que resultam, naturalmente, os enunciados.

Partimos, pois, de uma concepção de linguagem como actividade simbólica de representação – de base cognitiva, portanto –, actividade que implica um sistema de operações concatenadas que se fazem marcar por formas gramaticais.

Segundo esta concepção de linguagem, definida no interior da Teoria Formal Enunciativa proposta por Antoine Culioli, a enunciação enquadra-se no contexto global da construção da significação. Ora, a significação não é considerada em si mesma como um dado, mas, antes pelo contrário, concebida como o resultado ou finalidade última da actividade linguística levada a cabo por um sujeito.

Procuremos, segundo este modelo, uma caracterização enunciativa das formas *conhecer* e *saber*.

Tanto *conhecer* como *saber* são considerados predicados subjectivos pelo facto de marcarem uma verdadeira asserção apenas quando esta se refira ao sujeito enunciador. Por exemplo, sequências como

- (1) Tu conheces muitas coisas
- (2) Tu sabes muitas coisas

em que se verifica uma dissociação entre sujeito do enunciado e sujeito enunciador –, só podem corresponder

- a perguntas (*Tu conheces muitas coisas? /Tu sabes muitas coisas?*),
- a uma retoma (*Tu conheces muitas coisas /Tu sabes muitas coisas, mas não te convenças de que conheces/sabes tudo*)
- ou a uma suputação (*Ouvindo-te, percebo que tu conheces/sabes muitas coisas*) (cf. Franckel & Lebaud, 1989).

Já as sequências

- (3) eu conheço muitas coisas
- (4) eu sei muitas coisas

em que se verifica a identificação entre o sujeito do enunciado e o sujeito enunciador – constituem asserções, e exemplificam o funcionamento subjectivo destes predicados.

Sobre predicados subjectivos, Franckel & Lebaud afirmam aliás que se trata de “predicados que implicam uma identificação entre o sujeito do predicado [ou sujeito do enunciado, que corresponde ao sujeito sintáctico] e sujeito da enunciação [ou enunciador], uma vez que toda a dissociação conduz a relações de inferência cujas consequências modais são variáveis e mais ou menos identificáveis através de marcas prosódicas e pela presença de certos marcadores” (idem: 52).

Por uma questão de delimitação, recorreremos à observação de enunciados em que se opta por um sujeito sintáctico na primeira pessoa do singular, isto é, em que sujeito enunciador ( $S_0$ ) e sujeito do

enunciado ( $S_2$ ) coincidam, permitindo, assim – como dizia – o acesso ao funcionamento de *conhecer* e de *saber* enquanto verbos subjectivos.

Apesar de registarem uma afinidade pelo seu funcionamento como predicados subjectivos e por se integrarem na categoria dos verbos de conhecimento – com recurso à percepção e à memorização –, *conhecer* e *saber* apresentam diferenças muito claras, quer ao nível do comportamento e propriedades sintácticas, quer quanto ao modo como asseguram uma função de modalização, isto é, quanto ao modo como constituem marcas da tomada de posição do sujeito enunciador em face daquilo que enuncia, situando-se em relação a uma situação de enunciação origem ( $Sit_0$ ).

Começando pelo verbo *conhecer*, consideremos as seguintes sequências:

- (5)? conheço uma astrónoma
- (6) conheço uma astrónoma disponível para liderar o Porto 2001
- (7) conheço uma saída

Partamos de uma concepção de enunciado como produto de um encadeamento de operações mediante o qual cada termo só ganha referência, só ganha determinação, quando localizado relativamente a outro termo mais determinado.

Em contexto vazio, a sequência (5) é mal formada enunciativamente. Esta má formação deve-se à falta de um localizador que estabilize a ocorrência extraída (*uma astrónoma*) em relação a uma outra predicação. Já o enunciado (6), pela presença de uma propriedade especificadora do objecto (*disponível para liderar o Porto 2001*), fornece o referido localizador, permitindo assim situar a ocorrência linguística. Estamos perante a construção de uma propriedade que permite uma diferenciação qualitativa, isto é, uma qualificação secundária (cf. Pereira, 1997).

Ainda relativamente à sequência (5), podemos conceber um contexto que préconstrua uma qualificação secundária que localize *uma astrónoma*, como, por exemplo, um par pergunta-resposta: *Conheces alguém disponível para liderar o Porto 2001? / Conheço uma astrónoma.*



A atribuição a uma relação pré-construída de um localizador de actualização – que constatámos necessária a partir dos enunciados (5) e (6) – pode não se traduzir pela presença explícita de uma propriedade especificadora.

O enunciado (7), embora nos coloque diante de uma construção *conhecer um N*, dispensa, contrariamente ao verificado na sequência (5), a presença de uma qualificação secundária para a boa formação enunciativa. Este facto dever-se-á à representação abstracta do nome *saída* que aqui ocorre especificado pelo artigo indefinido, desempenhando a função de complemento sintáctico do verbo *conhecer*.

Os nomes como *saída* (enunciado (7)) e *solução, meio, possibilidade, acesso*, entre outros, comportam lexicalmente o seu próprio *site* ou localizador. Diríamos que são auto-situados ou auto-localizados, sendo o seu argumento interno o localizador<sup>1</sup>. Ao nível da sua subcategorização, estes nomes seleccionam, todos eles, um complemento de natureza preposicional que, embora não expresso no enunciado em curso (como em (7)), é passível de ser recuperado no contexto linguístico. Por exemplo, perante um qualquer tipo de obstáculo ou dificuldade: *conheço uma saída* (para este caso ou para esta situação).

Além destas observações que nos permitem compreender os casos de boa ou de má formação das sequências, a análise das mesmas permite-nos ainda verificar que, por exemplo no enunciado (6), *conhecer* marca a localização, em relação à situação de enunciação, de uma relação pré-construída entre o sujeito enunciador e o complemento. Isto é, predica-se a existência de uma relação pré-construída entre o sujeito enunciador e o complemento de *conhecer*.

Esta localização situacional da relação pré-construída entre S (primeira pessoa gramatical marcada pela flexão do verbo – localizador) e o complemento não predicativo (*uma astrónoma disponível para liderar o Porto 2001* – localizado) inscreve esta mesma relação numa dimensão intersubjectiva (Franckel & Lebaud, 1989: 105-106). Dimensão intersubjectiva porque *eu conheço* “marca a actualização, na situação de enunciação, da existência para *eu* de um termo que não

---

<sup>1</sup> Referindo-se a este tipo de nominais que concede, por si só, uma estabilidade ao enunciado, é Culioli quem diz que “it necessarily implies a locator which plays the role of what I have called “qualitative discriminant” (1989: 112).



existe para os seus interlocutores” (idem: 103). Marca a inscrição, numa dimensão intersubjectiva, da existência de X (complemento não predicativo) para um enunciador, ou seja, torna pública essa existência (ibidem).

No enunciado (6) predica-se a existência de *uma astrónoma disponível para liderar o Porto 2001*. Esta existência, assumida pelo sujeito do enunciado, é manifestada, tornada pública, estabelecendo-se a localização situacional desta relação de natureza epistémica.

Atentemos, seguidamente, nas sequências (8) e (9), que nos permitem confirmar esta especificidade das construções com o verbo *conhecer*:

- (8) \*conheço haver uma astrónoma disponível para liderar o Porto 2001
- (9) \*conheço que há uma astrónoma disponível para liderar o Porto 2001

Através da má formação enunciativa destas sequências, é-nos dado concluir que *conhecer* é incompatível com um complemento natureza frásica, neste caso, que assuma a forma de uma infinitiva (8) ou a forma de uma completiva (9)<sup>2</sup>.

Ora, como dizíamos, nas construções com o verbo *conhecer*, está em questão a actualização situacional de uma relação de localização entre o sujeito e o complemento. Tal propriedade traduz-se na impossibilidade de este verbo ocorrer com complementos de natureza frásica e, por conseguinte, de natureza predicativa. É por este verbo não marcar a pré-construção do seu complemento enquanto estabelecida independentemente da sua construção, que o seu complemento tem um funcionamento não predicativo.

No enunciado (10)

---

<sup>2</sup> Embora o português contemporâneo dificulte a compatibilidade de *conhecer* com um complemento de natureza completiva, descrevendo a distribuição sintáctica deste verbo, Vilela (1992: 422) admite que este selecione uma completiva introduzida por *que*, quando significa “reconhecer / perceber”. Rocha (1995: 483-484) defende que este facto se deve a “um arcaísmo semântico”, e comprova-o descrevendo a forma medieval *conhocer*, que seleccionava uma completiva, parecendo o seu valor coincidir com o actual *saber*”, assim se marcando igualmente “os valores actualmente construídos por *reconhecer, verificar, perceber, ver*”.

(10) conheço o João

verificamos como o complemento *o João* dispensa a presença de uma propriedade especificadora do objecto. O complemento *o João*, tendo como núcleo sintáctico um nome próprio antecedido por determinante definido e, portanto, uma interpretação identificadora, marca o “reenvio [...] a um referente pressuposto e validado no acto de enunciação” (Correia, no prelo). É – digamos – objecto de uma dupla pré-construção. Assim, esta pré-construção define-se, por um lado, pela sua determinação ou individuação intrínseca, própria do nome próprio, que é dotado, por si mesmo, de propriedades que estabilizam a pré-construção; por outro lado, define-se através da sua localização em relação ao sujeito sintáctico.

Os nomes próprios, com excepção para os casos em que estes assumem o funcionamento característico de um nome comum, têm como característica o carácter indissociável das determinações Qnt e Qlt. Daí que falemos de individuação intrínseca. Além disso e consequentemente, tendo, como neste enunciado, um funcionamento próprio enquanto estabilizadores de uma pré-construção, a sua determinação só pode ser de carácter definido (cf. Gary-Prieur, 1994).

Quando prosodicamente, este enunciado constrói um valor preponderantemente quantitativo, cuja interpretação seria parafraseável por *eu sei quem é o João*. Mas há uma determinada modulação prosódica possível deste enunciado que marca a construção de uma determinação preponderantemente qualitativa, sendo este valor parafraseável por *eu sei quem o João é*, ou *eu sei como o João é*.

Debrucemo-nos agora sobre o verbo *saber* e o seu funcionamento, tendo presente, num primeiro momento, os seguintes enunciados:

- (11) (eu) sei que há vida inteligente em Vénus
- (12) (eu) sei a fórmula da teoria da relatividade
- (13) (eu) sei ler e escrever

Em termos nocionais, *saber* é um verbo estativo. (*Eu*) *sei* “marca a posse de um conhecimento relativo a um estado de coisas” (Culioli, 1986: 7). Na primeira pessoa do presente do indicativo, *saber* indica, portanto, a atitude do sujeito enunciator em relação a um estado de coisas.



Independentemente dos contextos em que ocorram, os enunciados acima propostos revelam que, na estrutura do domínio de conhecimentos do sujeito enunciador, os conteúdos proposicionais assertados – *há um comboio para o Porto ao meio-dia, a fórmula da teoria da relatividade e ler e escrever* – têm um determinado estatuto epistémico, na medida em que são construídos enquanto aceites incondicionalmente pelo sujeito enunciador como verdade.

Por conseguinte, o verbo *saber* pode concorrer para a construção da modalidade epistémica, pois exprime o grau de envolvimento do enunciador relativamente à relação predicativa que lhe serve de complemento. Culioli diz, aliás, que “possuir um conhecimento é estar na posição de assertar que um determinado valor [...] é adequado ao estado de coisas [em causa]; [...] é estar em posição de assertar que existe um valor, um único, que permite validar uma relação predicativa em relação a um sistema de referência” (ibidem).

Este mesmo facto da forma *eu sei* ser um dos elementos constitutivos do encadeamento de operações que produz a asserção e de, enquanto tal, implicar que o enunciador asserte escolhendo apenas um entre dois valores, permite, aliás, sustentar a afirmação de que “a categoria da asserção permite que se indique que ponto de vista serve de fundamento ao *dictum* que se exprime no enunciado” (Danon-Boileau 1994: 162).

Assim, na interpretação dos enunciados (11), (12) e (13), existem duas componentes indissociáveis. Por um lado, para o sujeito enunciador, a existência subjacente às relações predicativas tem uma estabilização independente da sua construção como complemento do verbo *saber*. Por outro lado, a construção *saber* + complemento implica a determinação qualitativa do seu conteúdo pelo sujeito enunciador. De tal maneira assim é que, por exemplo, *saber a fórmula da teoria da relatividade* (enunciado (13)) não equivale a saber que “a fórmula da relatividade existe”. Trata-se, isso sim, de saber “o que a fórmula da teoria da relatividade é”.

Não é, portanto, o verbo que marca a predicação de existência do que consta como seu complemento. É, ao contrário, relativamente ao conteúdo proposicional pré-construído do complemento que o verbo *saber* introduz determinação. Isto mesmo o comprova o facto de, nestas construções do tipo *saber* + complemento, poderem aparecer mar-



cas de estabilização do complemento como pré-construído. É o caso das expressões *perfeitamente* ou *bem*, como nos enunciados que se seguem:

- (11') sei *perfeitamente* / *bem* que há vida inteligente em Vénus
- (12') sei *perfeitamente* / *bem* a fórmula da teoria da relatividade
- (13')? sei *perfeitamente* / *bem* ler e escrever

No enunciado (13'), tratando-se *ler* e *escrever* de aptidões ou de capacidades – portanto, definíveis numa escala de satisfação das mesmas (de “não ler nada” a “ler *perfeitamente*” ou de “ler mal” a “ler *bem*”) – menos naturalmente o advérbio é marca de estabilização do complemento. Daí que o enunciado *sei ler e escrever perfeitamente / bem* fosse preferível a (13').

Pelo facto de *saber* apenas permitir identificar as propriedades de um termo cuja existência se encontra já estabilizada, esse termo, seu complemento, tem natureza predicativa – é um complemento predicativo.

Ora, o funcionamento predicativo do complemento está naturalmente associado à construção completiva, uma vez que a forma de completiva que o complemento predicativo pode assumir marca que este é objecto de uma determinação quantitativa, independentemente do enunciado em curso. Veja-se o enunciado (11).

Para uma descrição da forma *que*, não basta dizer que se trata de uma subordinativa que introduz uma completiva ou ainda que é um complementador. Exige que se reconstruam as operações de *que* é marcadora. Assim, não se limitando a ser um instrumento da relação sintáctica, esta forma é, pois, marcadora da localização do complemento predicativo pelo enunciador: “*que* é a imagem do primeiro enunciador e representa, portanto, o acto assertivo do sujeito enunciador, origem de toda a enunciação” (Culioli, 1974: 12).

É o facto de o sujeito não ser o localizador da determinação quantitativa (Qnt) do complemento que permite explicar a formação equívoca do enunciado (11').

- (11'')? não sei que há vida inteligente em Vénus

A negação ao nível do predicado da oração subordinante – a construção *não sei que* + complemento predicativo – significa que o complemento predicativo não tem qualquer estatuto para o sujeito enunciador. O verbo *saber* exige que o sujeito enunciador seja efectivamente o polo de identificação do que é (por si) sabido.

No enunciado (11”), devido à forma negativa, o sujeito não se constitui como instância de identificação das propriedades do complemento predicativo. Isto é, não há o domínio de conhecimento requerido como verdade aceite, de forma inquestionável, pelo sujeito.

Os enunciados (12) e (13) ilustram que o funcionamento predicativo do complemento não está unicamente associado à construção completiva. Determinadas expressões referenciais podem corresponder a um complemento de natureza predicativa. É o caso da expressão referencial definida que ocorre na posição de complemento *a fórmula da teoria da relatividade* (12), de cujas propriedades qualitativas o sujeito do enunciado é fonte, o mesmo não se podendo dizer das propriedades quantitativas, de que o mesmo não é localizador.

De igual modo, o facto de o complemento poder ser de natureza verbal, como se passa no enunciado (13) (*ler e escrever*) atesta que, efectivamente, este tem um funcionamento predicativo.

Em termos discursivos – dizíamos –, as construções com o verbo *saber* servem para “reforçar a asserção” (Vet, 1994: 64), ou seja, servem para dar uma força particular à verdade do conteúdo da relação predicativa que é complemento do predicado. Por outras palavras, esta forma marca “o acesso cognitivo à informação” (Vogeleer, 1994: 70), acesso esse representado, como dizíamos, por relações epistémicas.

Exactamente por este motivo, este verbo integra-se na vasta classe dos verbos assertivos (ou modalizadores de asserção) e, mais especificamente, no grupo dos que, enquanto “verbos assertivos fortes, [...] na primeira pessoa e na forma afirmativa, asseguram uma função de modalização uma vez que que exprimem o testemunho de um saber através da percepção, do raciocínio, da memória, etc” (Borillo, 1982: 46). No caso de *saber*, os elementos que asseguram a validação da relação predicativa procedem do manancial de conhecimentos do enunciador. Isto é, o facto de o sujeito mencionar o seu conhecimento atribui precisamente um valor subjectivo à “verdade” da proposição.



Além da construção completiva, outro argumento que evidencia o modo como o verbo *saber*, na primeira pessoa e no presente do indicativo, exprime a relação epistémica que um sujeito estabelece com um objecto ou estado de coisas é o facto de, como outros verbos de construção completiva, *saber* apresentar o traço sintáctico particular de se poder construir com *que sim* ou *que não*. Uma destas partículas assertivas – afirmativa e negativa – ocupa o lugar do complemento quando as condições discursivas dispensam a formulação explícita da oração complementadora, por exemplo, num diálogo, na réplica a uma afirmação, ou por um mesmo locutor na retoma de um enunciado já formulado (cf. Borillo, *idem*). Veja-se a situação discursiva presente em (14):

- (14) A: desconhece-se se o réu tinha as chaves do cofre  
B: eu sei que sim / eu sei que não

Além de ser susceptível de apresentar uma dupla construção completiva – *que* + complemento predicativo e *que* + *sim* / *não* – *saber* apresenta ainda a característica sintáctica suplementar de, na primeira pessoa, poder integrar uma “construção posposta” (Bolinger, *idem*) do tipo da que ocorre no enunciado (15):

- (15) o réu tinha as chaves do cofre, eu sei

Esta construção declarativa posposta é um “elemento de uma proposição incidente declarativa associada a uma frase também declarativa” (Borillo, 1982; 34) e pode ocorrer na forma passiva – *o réu tinha as chaves do cofre, é sabido* – ou ainda na forma impessoal – *o réu tinha as chaves do cofre, sabe-se* –, estando-se ainda, nos dois casos, perante a construção de uma modalidade epistémica, já que o enunciador se inclui como garante da verdade da relação predicativa.

Neste caso (15) a construção posposta equivale a *eu sei que o réu tinha as chaves do cofre* – e impõe a forma afirmativa, pois “não é possível empregar um verbo de força positiva [como *saber*] negativamente” (Borillo, 1982: 35). Dotado, portanto, de uma força positiva que confere um valor de afirmação à frase que o precede, *saber* emprega-se, neste tipo de construção, sem negação. Para conservar o seu valor de asserção, a modalidade só se pode, aliás, exprimir com



uma força positiva, isto é, na forma afirmativa. Daí a má formação da sequência (15’):

(15’) \* o réu tinha as chaves do cofre, eu não sei.

No caso de alguns verbos dotados de um sentido negativo – como *ignorar*, *duvidar*, *negar* e *contestar*, entre outros –, estes, pelo contrário, devem ocorrer numa construção negativa para que se inverta a sua polaridade (Borillo, idem). Veja-se, a título de exemplo o enunciado (16):

(16) o réu tinha as chaves do cofre, eu não o nego.

Retomando a completiva do tipo *saber que* + complemento predicativo, há também outro tipo de construção completiva subcategorizada pelo verbo *saber* – a interrogativa indirecta *saber se*. Consideremos a sequência (17):

(17) ? (eu) sei se o réu tinha as chaves do cofre

*Se* marca o percurso de todos os valores (validação ou não validação da relação predicativa). *Eu sei*, correspondendo a “eu possuo o conhecimento”, marca –como dizíamos– a asserção de um valor, um apenas, que, numa escala de valores modais, é atribuível ao estado de coisas em questão. Em contexto vazio, a construção *eu sei se* + complemento predicativo resultaria numa má formação enunciativa dada a incompatibilidade entre as duas operações. Num determinado contexto, realizado com uma entoação específica, diríamos que o enunciador, sem validar a relação predicativa, constrói uma bifurcação – constrói dois valores possíveis em alternativa, de validação ou de não validação da relação predicativa. Esses dois valores possíveis percorridos apresentam-se em alternativa pois *eu sei* marca – neste caso antecipando – a distinção de um e um só valor. O enunciado (17) parafraseia-se, naturalmente, como *eu sei se o réu tinha ou não tinha as chaves do cofre*, em que *ou* tem um valor de disjunção exclusiva.

No caso de (17’)

(17’) não sei se o réu tinha as chaves do cofre

a asserção comporta uma bifurcação posicionando-se o sujeito enunciador no lugar neutro da interrogação<sup>3</sup>, sem possibilidade ou recusando-se a distinguir um valor, isto é, com ambos os caminhos ou valores – *sim* ou *não* – em aberto, implicando portanto uma ordem sobre o percurso: primeiro *p*, depois *não p* – *pergunto-me se sim ou não* (Culioli, 1986: 8).

Assim, embora não necessariamente, o enunciado (17') poderá ocorrer como resposta a uma interrogativa total, no interior da construção bem precisa do esquema discursivo que é o par pergunta-resposta. Apresentando algumas restrições sintáticas e enunciativas, observemos o funcionamento do verbo *saber* na sequência discursiva (18), iniciada com a pergunta total que contextualizaria (17'):

(18) A: o réu tinha as chaves do cofre?

B: \* (eu) sei

B': (eu) não sei

Apenas a resposta B', em que a forma é negativa, é associável, de modo perfeitamente aceitável, à pergunta total formulada por A. Seja porque B se recusa ou porque se manifesta impossibilitado de responder, o valor deste enunciado corresponde a uma não-resposta, equivalendo-se a (17'), uma vez que, a *não sei*, está subjacente uma operação de percurso dos eventuais valores – *sim* ou *não* – sem que um deles seja distinguido, operação esta de que a forma *se* é marcadora em (17').

*Conhecer* e *saber* com funcionamento enquanto predicados subjectivos são caracterizáveis em relação a determinadas estruturas do conhecimento

Verbo de representação mental, *conhecer*, que constrói a actualização na situação de enunciação (Sit<sub>0</sub>) de uma relação de localização entre o sujeito do enunciado e o complemento (não predicativo), apresenta um complemento não predicativo.

---

<sup>3</sup> Há, na completiva do tipo interrogativa indirecta, como na interrogativa total ou fechada, a construção de uma relação predicativa não validada, fazendo antever (no caso da interrogativa indirecta) ou antecipando (no caso da interrogativa total) o espaço enunciativo de validação, vago (no caso da interrogativa indirecta) ou ocupável pelo coenunciador (no caso da interrogativa total).



Igualmente verbo de representação mental, *saber*, é introdutor de uma relação predicativa pré-construída, e apresenta, por isso, um complemento de natureza predicativa. Como tal, concorre para a construção da modalidade epistémica, uma vez que marca o estatuto epistémico atribuível, no domínio de conhecimentos do sujeito enunciador, aos conteúdos proposicionais assertados.

A significação e a representação é construída e proposta pelo sujeito enunciador por meio de uma série de operações encadeadas que constituem princípios de construção enunciativa que são de ordem cognitiva. É assim que o modelo teórico da teoria formal enunciativa, no interior do qual se propõe esta reflexão metalinguística, constitui um modelo de operações cognitivo, assente na concepção da linguagem como actividade simbólica de representação, isto é, como processamento cognitivo.

## **Referências Bibliográficas**

BOLINGER, D.

1968 "Postposed main phrases. An English rule for Romane subjunctive" (manuscrit polycopié) apud Borillo 1982: 34.

BORILLO, A.

1982 "Deux aspects de la modalisation assertive; *Croire et Savoir*", *Langages* 67: 33-

CAMPOS, M. H. C.

1997a "Modification et construction de la référence nominale" in *Actas do XIX Congresso Internacionial de Linguística e Filologia Románicas (Universidade de Santiago de Compostela, Setembro 1989)*, Volume I, Corunha, Fundación Pedro Barrié de la Maza; também in Campos, 1997b: 143-150.

1997b *Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de linguística portuguesa*, Porto, Porto Editora.

1998 *Dever e Poder. Um subsistema modal do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, JNICT.

CORREIA, C. N.

1998 *Quantificação-Qualificação em sintagmas nominais*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – UNL.

(no prelo) "Os nomes próprios em Português Europeu" in *Actas do XXII Congresso Internacional de Linguística e Filologia Románicas* (Bruxelas, Julho 1998).



CULIOLI, A.

1974 “A propos des énoncés exclamatifs”, *Langue Française* 22, Larousse: 6-15.

1986 “Stabilité et déformabilité en linguistique” in *Études des Lettres. Langage et Connaissances*, Université de Lausanne: 3-10; também in Culioli, 1990: 127-134.

1989 “Representation, referencial processes and regulation. Language activity as form production and recognition” in J. Montangero & a Tryphon (eds.), *Language and Cognition*, Genève, Foundation Archives Jean Piaget, Cahier n° 10: 97-124, também in Culioli, 1990: 91-114.

1990 *Pour une linguistique de l' énonciation*, Paris, Ophrys.

1992 “Quantité et qualité dans l'énoncé exclamatif” in Jacques Fontanille (dir.), *La quantité et ses modulations qualitatives*, Limoges, Pulim: 221-232.

DANON-BOILEAU, L.

1994 “La personne comme indice de modalité”, *Faits de Langues* 3, PUF:158-167.

FRANCKEL, J.-J. & LEBAUD, D.

1989 *Figures du sujet – a propos des verbes de perception, sentiment, connaissance*, Paris, Ophrys.

GARY-PRIEUR, M.-N.

1994 *Grammaire du nom propre*, Paris, PUF.

MATEUS, M. H. M. et alii

1989 *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.

OLIVEIRA, M. T.

1997 *Construções relativas: uma proposta transcategorial*, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa. (não publicada)

PEREIRA, S.

1997 *Contributos para a abordagem da predicação secundária em português*, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa. (não publicada)

RIEGEL, M.

1994 “La catégorie grammaticale de l'attribut”, *Le Gré des Langues* 7, L'Harmattan: 170-190.

ROCHA, C.

1995 “Saber e Conhecer em fórmulas e expressões fixas num corpus de textos notariais dos séculos XIII a XV” in *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Edições Colibri: 481-496.

## *Conhecer e Saber: uma Caracterização Enunciativa*

TASMOWSKI, L. & P. DENDALE

1994 “*Pouvoir* E, un marqueur d’évidentialité”, *Langue Française* 102, Larousse: 41-55.

VALENTIM H.T.

1998 *Predicação de existência e operações enunciativas*, Lisboa, Edições Colibri.

VET, C.

1994 “*Savoir et Croire*”, *Langue Française* 102, Larousse: 56-68.

VILELA, M.

1992 “Conhecer – saber: *connaître – savoir*. Analyse confrontative” in *Actes du XXe Congrès International de Linguistique et Philologique Romanes*, Université de Zurich, Francke-Verlag.

VOGELEER, S.

1994 “L’accès perceptuel à l’information: a propos des expressions *un homme arrive / on voit arriver un homme*”, *Langue Française* 102, Larousse: 69-83.